

PESQUISAS E PRÁTICAS EDUCACIONAIS COM O CÍRCULO DE CULTURA

Eixo 2- Pesquisa e Práticas Educacionais

Margarita Victoria Gomez¹ PROGEPE-UNINOVE/SP
Adriano Salmar Nogueira e Taveira² PROGEPE-UNINOVE/SP
Maria Joseneide Apolinário³ PROGEPE-UNINOVE/SP
Alessandra Dias Aguiar⁴ PROGEPE-UNINOVE/SP
Luis Carlos Biotto⁵ PROGEPE-UNINOVE/SP

INTRODUÇÃO

No âmbito da pesquisa, as culturas, a educação popular, as políticas e as práticas educacionais, em relação, são o eixo em que nos desenvolvemos como pesquisadores. A cultura contemporânea nos desafia a revisar as práticas de ensino e pesquisa. Pensamos que os avanços teóricos e tecnológicos na educação são um desafio para continuar refletindo, no atual contexto, com especial atenção à temática das metodologias com as quais construímos o conhecimento na universidade democrática (NOGUEIRA, 2013).

Atualmente, no Brasil, existe uma ampla produção sobre metodologias de pesquisa (GATTI, 2002; GIL, 2002; SEVERINO, 2007), bem como também existe uma preocupação por importar métodos de ensino (IB, 2014). Acreditamos na necessidade da reconstrução de práticas contextualizadas para não perder os referenciais culturais da comunidade e evitar a invasão cultural. Educar na contemporaneidade, definitivamente, significa estarmos atentos quanto a esse cenário da produção de conhecimento em prol de uma universidade cultural e cidadã e não instrumental ao mercado. Existe uma tensão entre a cada vez mais difundida cultura organizacional e conteudista da instituição educacional e a cultura aberta, horizontal e democrática de produção do conhecimento.

É nesse contexto que trabalhamos, como diria Freire (1970, 2011), na tensão entre a situação sócioeducacional, da qual fazemos parte, e as ideias que defendemos, das quais estamos bastante longe de sermos contemporâneos. É

¹ Dra. Professora Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE-UNINOVE)

² Dr. Professor Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE-UNINOVE/SP)

³ Prof do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, CEETEPS, Brasil.

⁴ Prof. Efetiva. Secretaria Municipal de Educação, Jandira, SP.

⁵ Prof. Regional de Itaquaquecetuba, SP.

reconhecendo o contexto atual que apresentaremos algumas pesquisas realizadas na universidade.

Durante a Rede-Instalação pedagógica, “Paulo Freire e a educação superior” (2013), realizada em conexão por blog, o Professor Celso de Rui Beisegel, nos confidenciou que a “educação popular foi o tom de nossas conversas”. Continuou ele: “Paulo tem poucos escritos sobre ensino superior, mas a educação popular é a minha referência como pesquisador.” (Blog, 11/07/2013, mluciadasilva, 2013) É nesse tom que, de certa maneira, trabalhos nas pesquisas.

...busca-se no Círculo de Cultura, peça fundamental no movimento de educação popular, reunir um coordenador a algumas dezenas de homens do povo no trabalho comum pela conquista da linguagem. O coordenador, quase sempre um jovem, sabe que não exerce as funções de “professor” e que o diálogo é condição essencial de sua tarefa, “a de coordenar, jamais influir ou impor. (FREIRE, 1967, p. 11)

Na atualidade, reinventado como Círculo epistemológico por Romão e outros educadores (2006), a sua legitimidade social e educacional ocorre no contexto das práticas de pesquisa em prol de uma universidade cultural e uma escola cidadã.

Práticas educacionais e pesquisa

Algumas das experiências de pesquisa e formação, que foram realizadas na universidade, nos remetem ao uso e ao conceito do Círculo de Cultura na sua dimensão epistemológica. Estas experiências de pesquisa e formação são apresentadas a seguir:

As meninas de costas e o currículo como artefato cultural

No estudo intitulado *As meninas de costas: Análise do currículo de Educação Física e a construção da identidade feminina*, (Aguiar, 2014) pesquisou o currículo de Educação Física como artefato cultural nas aulas de uma escola pública estadual de Jandira, município da região metropolitana de São Paulo - foi questionado o fato de algumas meninas não serem incorporadas nas atividades e ficarem “de costas” a essa formação. Com as contribuições da proposta pedagógica de Paulo Freire (1988) e dos Estudos Culturais, analisou as categorias de currículo, identidade feminina e cultura. A proposta de intervenção por meio dos Círculos de Cultura, realizados na escola com alunos(as) e o professor de Educação Física do 8º ano A, permitiu-lhe fazer uma leitura crítica e conhecer essas práticas pedagógicas. Nas quartas e quintas-feiras, nas aulas de Educação Física, foram realizados 5 encontros mensais, mais 1 de observação e registro, com os 26 participantes, sendo que cada encontro teve a duração de 50 minutos (tempo de duração de cada aula). Considerou que certos

discursos sobre os currículos saudáveis e esportivos justificam e delimitam os espaços de manifestação do feminino, embora se comece a escutar alguns ruídos/ecos tímidos buscando mudanças curriculares.

Os Círculos de Cultura permitem analisar criticamente a sociedade para entender como os homens se constituem. São círculos de diálogo com intuito de ações concretas e do interesse coletivo. Trata-se de um espaço de trabalho, pesquisa, práticas e vivências, baseados no diálogo e nas experiências reais vividas pelos sujeitos, nos quais todos têm liberdade de se expressar, “ler e escrever o mundo” em que estão inseridos, ressignificando suas práticas e concepções. Segundo os autores Romão et al. (2006, p.5), “...o Círculo de Cultura, como será aqui demonstrado, concebido por Paulo Freire para intervenções no processo ..de alfabetização, não fora ainda pensado como instrumento metodológico de investigação científica.”

O Círculo de Cultura, como uma proposta de intervenção, confirma, assim como dizia Paulo Freire, que educar não é transferir conhecimento e que a educação acontece por meio de uma prática dialógica em comunhão, e nesse sentido não há saberes superiores ou inferiores. Sendo assim e de acordo com Gomez (2013, p.91), “a intervenção pedagógica implica a realidade, a escuta atenta, a paciência, para esperar a fala, a palavra das pessoas e o registro que permita intervir no que fosse significativo...”

No primeiro momento, realizou-se um mapeamento da situação dos participantes e observação da aula de Educação Física, do material didático, das práticas, dos discursos em aula, da estrutura e das roupas dos alunos. No segundo momento, retornou-se à escola com o foco nas observações anteriores e evidências das práticas das meninas e dos meninos. Organizou-se o Círculo de Cultura. No terceiro momento, com base no encontro anterior, na leitura de mundo do grupo e a fim de codificar o tema gerador, levou-se um cartaz (folha em branco) e formou-se um círculo. Em pedaços de papel e no centro do círculo um papel maior, foram anotadas quatro questões: Que tipo de futebol vocês conhecem? Onde se pratica, qual local? Quem pode participar? Em qual local da escola vocês fazem aulas de Educação Física? Já no quarto momento, dando continuidade nas respostas dos alunos, sistematizou-se e problematizou-se a atividade a partir do tema gerador. Como o cinema também havia sido um dos temas escolhidos, surgiu a proposta de levá-los à sala de vídeo para que assistirem ao um curta metragem, A história do futebol, do ano de 1940, de quando Pelé era criança. Discutimos o que eles conheciam. Alguns discursos foram surgindo em relação às meninas: “menina não joga futebol”; “futebol é para homem”; “menina que joga futebol é Maria-homem, sapatona”. A professora entrevistou dizendo que menina também joga futebol. Houve a manifestação de um grupo

de meninas dizendo: “Antes as meninas não jogavam, pois não eram educadas para isso”, “mas, hoje, ainda tem muito preconceito dizendo que é moleque quem joga”. No quinto momento voltou-se com as discussões que giravam em torno do tema gerador futebol.

No Círculo de Cultura percebeu-se a desvalorização das meninas, evidenciada por meio de um currículo que não favorece a participação delas efetiva. Porém, as meninas tiveram a oportunidade de dialogar e colocar em questão suas angústias durante o Círculo de Cultura. Ainda, duas meninas foram elegidas: uma como relatora e a outra como coordenadora. Por meio das falas dos alunos, percebe-se como as meninas são menosprezadas em se tratando de futebol. Estes são discursos construídos historicamente e precisam ser desnaturalizados na escola, para que essa cultura ainda machista possa dar lugar à liberdade de expressão e de participação e à igualdade a todos.

O Laboratório ProInfo: Uso e apropriações das tecnologias educacionais

O estudo sobre o Laboratório ProInfo reinaugura uma discussão sob a ótica crítica e emancipadora, considerando aspectos culturais, sociopolíticos e econômicos, materializados nas práticas de uso e apropriação das tecnologias educacionais. Nas interfaces entre culturas, políticas, práticas e pesquisas educacionais, nada mais atual do que ver o que acontece nas escolas da rede pública de educação básica com a tecnologia educacional.

Nesta pesquisa (APOLINÁRIO, 2014) analisa-se as práticas realizadas nos laboratórios ProInfo, e mostra que os laboratórios escolares, implementados por uma política pública do Ministério da Educação (MEC), através do Programa Nacional de Tecnologia Educacional (BRASIL, 1997), com o objetivo de promover o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação nas redes públicas de educação básica, necessita ser repensado. Com professores de escolas da educação básica I e II, da rede municipal da educação de uma cidade da grande São Paulo, indagou-se, no Círculo de Cultura, como as tecnologias educacionais, que fazem parte da cultura atual, chegaram às escolas da rede; como estão se apropriando e o domínio destas nas práticas educativas para novos conhecimentos. O Círculo de Cultura foi realizado com 10 professores de uma escola, no laboratório de informática do ProInfo, em cinco encontros com duração de duas horas, a cada 15 dias. Conforme Freire: “A leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.” (FREIRE, 2011, p. 30) Para reescrever as suas

práticas, os professores fizeram a leitura e a sistematização da situação específica da escola nesse particular, dos alunos e da comunidade, das potencialidades e fragilidades. O entorno, como parte da vida da comunidade, trouxe para as aulas o aspecto cultural e de conhecimentos específicos. A pesquisa permitiu conhecer os usos e as apropriações dos dispositivos tecnológicos e os saberes mobilizados para novos desenvolvimentos teóricos e recriar a prática docente nos laboratórios ProInfo.

Esta pesquisa abre para outra questão que é o âmbito da escola e suas relações imbricadas na política educacional, na formação e na aprendizagem a partir da práxis, da criticidade e da ação transformadora no cotidiano do professor.

As questões que foram sendo tecidas por meio da pesquisa universitária nos desafiou a pensar o que ocorreu depois de tanto tempo de existência dos laboratórios ProInfo. Existe um acompanhamento e uma avaliação do uso das tecnologias dos Laboratórios ProInfo nas escolas do país e da rede estudada?

A metodologia consistiu em um estudo de caso, e as informações foram obtidas através de um questionário com questões abertas e fechadas, visitas às escolas, obtenção de dados dos documentos da Secretaria da Educação, observação de atividades docentes, portfólios, e por relatos dos professores e da equipe gestora. Para a intervenção foi realizado um Círculo de Cultura com professoras de uma escola da rede municipal de ensino, com o objetivo de analisar suas práticas (ou não) nos laboratórios de informática ProInfo, e de partilhar estratégias de ensino-aprendizagem, integrando os recursos tecnológicos. Nesse sentido, a experiência permitiu a vivência de novas aprendizagens, nas quais se refletiu, de várias maneiras, um certo projeto pedagógico, produzido a partir da indagação sobre os laboratórios, da troca de experiências, do compartilhar de saberes, leituras e reflexões, gerando novos desafios.

Usos, apropriações, tecnologias educacionais, inclusão digital, ProInfo, conformam um universo vocabular relativamente novo para os professores, ainda na era da aprendizagem ubíqua e móvel (*mobile learning*) com uso intensivo do celular. O que pode parecer anacrônico, contrário aos usos tecnológicos da nossa época, aqui procura ser novidade. Nisso está a complexidade, estudar o óbvio do uso específico das tecnologias educacionais disponíveis nos laboratórios de informática ProInfo, o que pode vir a constituir-se em novo conteúdo a se aprender a partir da leitura do mundo, da releitura do mesmo, para escrevê-lo e reescrevê-lo.

A ação de apropriar, tornar próprio, de apropriação, diferente de simplesmente usar sem uma visão crítica, perpassa pela cultura e pelos valores dos professores. Criam-se novas práticas, formas de ver o mundo, de inventar o novo, de preparar o material cultural para os encontros. Com relação às práticas educacionais com

tecnologias digitais, concordamos com Gomez (2004, p. 111), quando considera que a “própria relação com os outros e com os aparelhos que nos circundam, cria uma nova linguagem e uma cultura, em que coexistem elementos semânticos e semióticos, linguísticos e não linguísticos diferenciados”. No atual império dos códigos digitais é importante que essa apropriação tecnologia seja tramada em um processo contínuo de formação docente, potencializando o pensamento e a linguagem. O pronunciamento dos professores sobre as suas práticas pedagógicas reelaboraria um domínio crítico dos dispositivos, das linguagens e das interfaces digitais e da sua razão de ser nas atividades docentes.

Constatou-se, na pesquisa, que usar as tecnologias e as mídias na educação implica em saber sobre o professor, seus conhecimentos e motivações incorporados no trabalho com as tecnologias. Estas não são um fim em si mesmo, precisam ser contextualizadas e discutidas com relação ao poder e à ética para que possam humanizar e não robotizar as pessoas.

O tempo magistocêntrico passou, a descentralização e a expansão rizomática nos alcançaram. Desde a primeira república brasileira aprendemos que a educação é obediência, é gestão centralizada, provas avaliativas classificatórias e cumulativas que mais excluem do que geram conhecimentos críticos. As relações de amizade e confiança parecem ser ainda mais esmagadas pelas tecnologias. Essa perspectiva centralizadora e controladora vai perdendo lugar, por isso, as mídias hipertextuais precisam ser exploradas pelo professor para criar laços que aproximem, para fazer rizomas com outros, para relacionar gerações, incentivar o debate e a criatividade. “O rizoma é uma antigenealogia, procede por variação, expansão, conquista, captura, abertura, remete-se a um mapa que deve produzir-se... (DELEUZE E GUATTARI, 1983, 6-40)

A relação e a conjunção são particularidades do Círculo de Cultura que utilizamos para restabelecer laços eventualmente perdidos entre as pessoas nessa avalanche de tecnologias e de informações. O laboratório e as tecnologias, funcionem ou não, precisaram ser discutidas no contexto da educação para torná-las mais próxima da vida das pessoas, de maneira a não permitir o isolamento e sim a partilha do conhecimento.

O Círculo de Cultura permitiu fazer uma reflexão das práticas pedagógicas do professor, levando em consideração o meio em que sua escola está inserida, seu entorno e a comunidade escolar. No Círculo, os pesquisados não foram objeto da pesquisa, mas, pesquisadores da própria realidade, no sentido que indagaram sobre sua situação no que concerne ao uso e apropriação do laboratório.

Nesse sentido, os professores não apresentaram dificuldades em usar o 'editor de texto writer', tema gerador escolhido para desenvolver o Círculo. Embora, certa dificuldade foi manifestada no momento do grupo de docentes elaborar uma apresentação multimídia usando o editor de *slide Impress*, do *Linux Educacional*.

Incentivados pela partilha e pelos desafios das práticas pedagógicas no laboratório de informática do ProInfo da escola, os professores reconheceram a importância de se posicionar como pessoas que também aprendem e pensam em prol de melhorar as próprias práticas. A valorização do aprendizado coletivo contribuiu para o uso, domínio e apropriação crítica do laboratório ProInfo. Os encontros quinzenais no Círculo de Cultura, o questionário e os relatos permitiram sistematizar uma realidade que afeta os professores da educação básica, abrindo-lhes possibilidades para que continuem participantes e ativos nos laboratórios, oficinas, encontros e partilhas, de modo a conscientizá-los diante da implementação da política pública de educação. Isso implica o Programa ProInfo e o próprio projeto político pedagógico da escola e os processos avaliativos específicos do Ministério da Educação. O conhecimento produzido pelos novos sujeitos constituiu-se no processo coletivo de práticas e conhecimento na reinvenção dessas políticas públicas.

Os Professores e os Conselhos de Escola em parceria pedagógico-democrática

O educador Luis Carlos Bioto, membro da equipe da Diretoria de Ensino Regional de Itaquaquecetuba, desenvolveu a pesquisa *Os Professores e o conselhos de escola – uma parceria pedagógico-democrática*. O estudo das escolas prioritárias, aquelas que apresentam índices deficitários conforme os parâmetros avaliativos da Secretaria Estadual de Educação foi o foco. A pesquisa foi conduzida em trabalho conjunto, realizado pelo pesquisador em consonância com atuações de formação da Diretoria de Ensino. Os dados observados e as análises foram sendo discutidas dentro do *Programa M.G.M.E., melhor gestão, melhor ensino* – Secretaria Estadual de Educação – conforme programação de formação da EFAP, escola de formação.

Reflexões, discussões e elaborações tendo em vista o Seminário Centralizado a ser realizado entre 2 e 5 de Setembro 2013, nos parâmetros objetivados pelo MGME – melhor gestão, melhor ensino.

A efetiva concretização dos propósitos do M.G.M.E., desenvolvimento de experiências pedagógicas em que a lecto-escritura seja aprimorada de modo subsidiário ao aprendizado na escolarização, tem norteado ações em vários níveis e diferentes momentos. Visando, todas estas, a formação de Professores(as) sugeriu-se às Diretorias de Ensino que, previamente ao Seminário, sistematizassem experiências pedagógicas no âmbito de sua abrangência.

A troca de experiências entre as Diretorias, mediada pela reflexão-crítica e sempre tendo por horizonte a formação do(a) profissional educador, é o objetivo principal deste Seminário. Vai-se socializar experiências e o enfoque com que em plano local trabalhou-se situações de aprendizagem e observações em salas de aula. Vale a pena socializar esforço das Diretorias neste movimento prático-teórico que envolve equipes gestoras e Professores(as).

Para a Abertura planejamos retomar o sentido geral destes processos realçando a natureza formadora de atuações em que equipes gestoras coincidem com o aperfeiçoamento das práticas pedagógicas.....

Após o credenciamento e a abertura propriamente dita o professor Adriano Salmar Nogueira e Taveira, do programa de mestrado PROGEPE/ Uninove é nosso palestrante-convidado para abrir o Seminário desenvolvendo a temática: *Gestão Pedagógica e a competência leitura/escritura*. Sua atuação de orientador em pesquisas em que a intervenção é constitutiva do conhecimento prático-pedagógico poderá contribuir neste coletivo esforço de construção e conjugação de saberes; a escola como universo de pesquisa é uma opção de compreensão em que coincidimos..



Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
CGEB/EFAP

GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO

A pesquisa tem contribuído com a análise desse Programa inserido na política educacional do Estado de São Paulo, que integra, por sua vez, o Programa “Educação – Compromisso de São Paulo”, com a finalidade da formação continuada. Especificamente, deixou entender que há necessidade de outras pesquisas.

Considerações finais

No processo de formação dos futuros pesquisadores pode-se afirmar que estas experiências contribuíram pessoal e academicamente quando foram apresentadas e socializadas publicamente. Os estudos realizados no contexto do programa Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho de São Paulo, sem dúvida, tem contribuído para abrir um debate, estudar e sistematizar algumas possibilidades de pesquisa com o Círculo de Cultura epistemológico.

As pesquisas e práticas educacionais, aqui apresentadas com uso do Círculo de Cultura, o Círculo epistemológico e outros métodos, por considerarem a cultura social e escolar, as políticas públicas e as práticas educacionais na escola básica, se correspondem com o tema geral da reunião da Região Sudeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, pois estas buscam realizar-se nessa relação.

As experiências de pesquisa estão relacionadas a uma política pública, a escolas e docentes, a propostas pedagógicas e curriculares, como um compromisso da universidade.

Especificamente, compreendeu-se que há necessidade de outros estudos. Porém, mostramos na pesquisa sobre o currículo escolar da Educação Física como artefato cultural, sobre as práticas nos laboratórios ProInfo e sobre os Conselhos de Escola, houve a necessária parceria pedagógico-democrática para fazer possível o Círculo de Cultura, a sistematização, divulgação e socialização dos resultados. Estes, de certa maneira, nos autorizam a continuar usando o Círculo de Cultura epistemológico e criando novas territorialidades para a educação e para a pesquisa como ação cultural

Referências

AGUIAR, Alessandra Aparecida Dias. *As meninas de costas: Análise do currículo de Educação Física e a construção da identidade feminina*. 2014. 126 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Nove de Julho – UNINOVE, Educação. São Paulo, 2014.

APOLINARIO, M. J. *Laboratório ProInfo. Uso e apropriação, pelos professores*.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Nove de Julho – UNINOVE - Educação. São Paulo, 2014.

ARROYO, M. G. *Currículo, território em disputa*. Petrópolis: Vozes, 2011.

BIOTO, Luiz. *Os Professores e o conselhos de escola – uma parceria pedagógico-democrática*. 2014. 136 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Nove de Julho – UNINOVE, Educação. São Paulo, 2014.

BLOG Rede_Instalação Pedagógica. 2013. Disponível em: <http://pedagogiadavirtualidade.wordpress.com/2013/10/08/rede-instalacao-pedagogica-e-circulo-de-cultura-virtual-paulo-freire-na-educacao-superior/>

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Decreto nº 6.300, de 12 de dezembro de 2007. Dispõe sobre o Programa Nacional de Tecnologia Educacional – ProInfo.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6300.htm

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Rizoma*. Introdução. México : Premia, 1983.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: Em três artigos que se completam*. 51 ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção *Questões da nossa época*; v.22.)

GATTI, B. A. Gatti, B.A. *A construção da pesquisa em educação no Brasil*. Brasília: Editora Plano, 2002.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMEZ, M. V. *Educação em rede: Uma visão emancipadora*. São Paulo: Cortez/ Instituto Paulo Freire, 2004. (*Guia Escola Cidadã*; v.11.)

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. [1.ed.1970]

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. A tragédia de ser ou não ser contemporâneos In: *Um olhar sobre a Cultura*,

o Cidadão e a Empresa. Rio de Janeiro: CNI-Senai/Ayuri, 1995.

GOMEZ, M. V. Círculo de cultura: pesquisa e a intenção na educação superior. In: BAPTISTA, A. M. H; MAFRA, J. F. (Orgs.). *Reflexão crítica, memória e intervenção na prática pedagógica*. 1 ed. São Paulo: BT Acadêmica, 2013, v. 1, p. 85-105.

IB. Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.ib.usp.br/mais-noticias/752-ensino-importado.html> Acesso: 21 abril 2014.

LOURO, G. L. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G.; NECKEL, J.; GOELLNER, S. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 41-52.

NOGUEIRA, A.S.T. Pesquisa e democracia. In: BAPTISTA, A. M. H; MAFRA, J. F. (Orgs.). *Reflexão crítica, memória e intervenção na prática pedagógica*. 1 ed. São Paulo: BT Acadêmica, 2013, v. 1, p. 13-35.

ROMÃO, J. E. et al. Círculo epistemológico: círculo de cultura como metodologia de investigação. *Educação & Linguagem*, v. 13, p. 173-195, 2006.

ROMERO, E. *Esteréotipos masculinos e femininos em professores de educação física*. 1990. Dissertação (Mestrado) – Faculdade Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

SILVA, T. T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

TEIXEIRA, A. B. M. *Identidades docentes e relações de gênero*. Escritos em Educação, Instituto de Ensino Anísio Teixeira, n. 1, p. 87-15, dez. 2002.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 22 ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, T. T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.